

Copom derruba bolsa e eleva dólar

DANIELE CAMBA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A explicação dada pelo Banco Central (BC) para manter a taxa básica de juros (Selic) em 16,5% ao ano acertou em cheio o mercado financeiro ontem. Na ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), o BC explica que o grande motivo para não ter baixado os juros na sua última reunião foi a preocupação de que a alta da inflação no início do ano seja um sinal de descontrole e não apenas um repique temporário. Ontem, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou o Índice Geral de Preços de Mercado (IGPM) de janeiro. A inflação do período ficou em 0,88%, contra uma expectativa de 0,68% (*leia mais na página ao lado*). Isso fez com que a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caísse 6,14%, o dólar subisse 1,21%, fechando em R\$ 2,931, e o C-Bond (principal título da dívida externa brasileira) fechasse em queda 0,81%, em 99,250 centavos de dólar. O risco-Brasil subiu 15,1% e fechou em 509 pontos.

"O Banco Central mostrou que é muito mais conservador do que o mercado achava que ele era", disse o economista do banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sérgio Werlang.

A maior prova disso é que dos nove membros do Copom, apenas um discordou da permanência da taxa e votou por um corte de 0,25 ponto percentual. "O mais otimista deles tem uma visão muito mais pessimista do que o mercado, que esperava um corte nos juros de pelo menos meio ponto", completa Werlang. Na opinião dele, o mercado reagiu mal principalmente porque o tom altamente conservador da ata do Copom deixa claro de que o BC difi-

cilmente derrubará os juros na próxima reunião do Copom.

No documento divulgado ontem, os diretores do BC dizem que o Copom entendeu que o aumento recente da inflação e das projeções pode não apresentar somente um fenômeno temporário, como ocorreu em setembro de 2003, mas uma eventual acomodação da inflação em patamares mais elevados. Na ata, os membros deixam claro que é melhor manter uma política cautelosa mesmo que a inflação mais tarde se mostre passageira.

Consequências

Os diretores destacam as consequências na inflação não apenas no início do ano, dos reajustes de preços dos alimentos *in natura*, das tarifas de energia elétrica e dos materiais escolares. Eles lembram que as pressões por reajustes de preços observados em dezembro e esperados para os primeiros meses de 2004 atingirão a economia em um estágio mais avançado do processo da política monetária e de recuperação das condições de demanda.

Ontem, o presidente do BC, Henrique Meirelles, disse que o BC às vezes toma medidas que contrariam as expectativas do mercado.

Na visão da maioria dos especialistas, não há motivos para achar que o aumento dos preços irá se alastrar pelos próximos meses. "Os aumentos de preços ocorreram por motivos pontuais. Os alimentos subiram por causa das chuvas, os produtos ligados à educação pelo começo das aulas e os reajustes de energia já estavam previstos", diz o economista da consultoria LCA Ricardo Denadai. Pelas suas projeções, o IPCA de janeiro deve ficar em 0,7%, o de fevereiro em 0,8%, mas em março já deve arrefecer para 0,35%.



SURPRESA

"O BANCO CENTRAL MOSTROU QUE É MUITO MAIS CONSERVADOR DO QUE O MERCADO ACHAVA QUE ERA"

Sérgio Werlang,
ex-diretor do BC

EM ALTA

Valores do dólar comercial para venda (Em R\$)

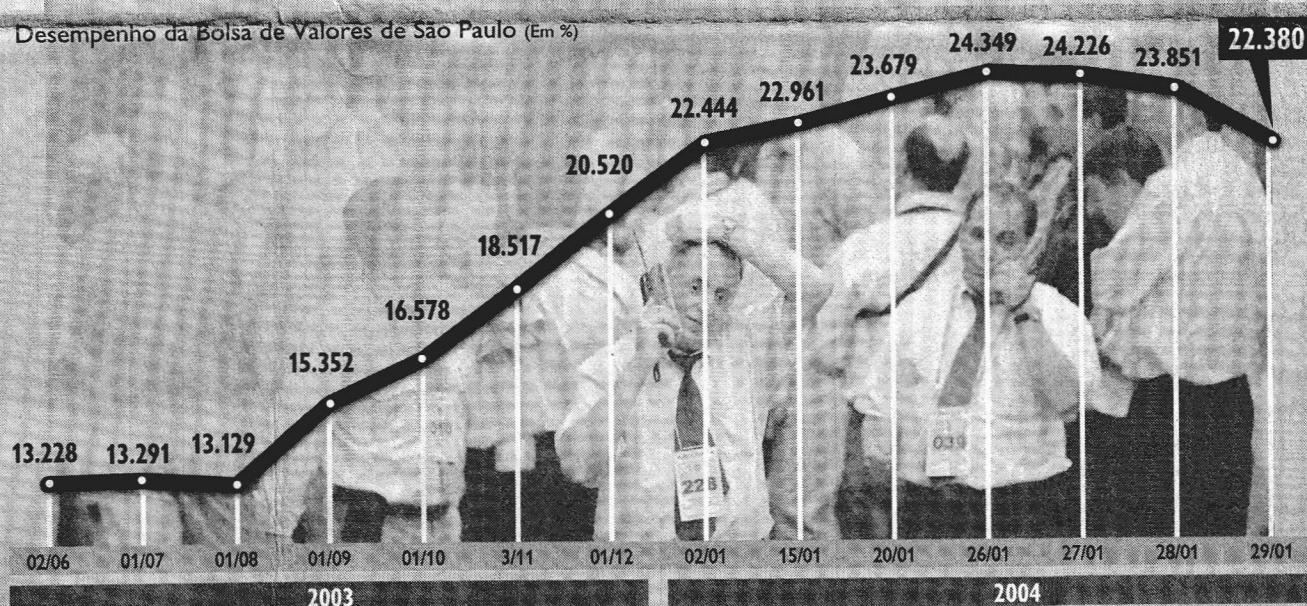


No dia

+1,21

EM BAIXA

Desempenho da Bolsa de Valores de São Paulo (Em %)



No dia

-6,14